

**INTERDISCURSO E MEMÓRIA:
NAS TRAMAS DOS DISCURSOS SOBRE A MULHER¹**

Lucia M. A. FERREIRA
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-Unirio
lmaf@connection.com.br

Em sua reflexão sobre o papel da memória, Pêcheux² (1999, p. 49), nos coloca diante de uma pergunta instigante: em que condições um acontecimento histórico “poderá vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória”? Neste trabalho, examino a questão posta por Pêcheux, levando em consideração alguns dos aspectos discursivos que propiciam a inscrição dos acontecimentos na memória social, aqui entendida não como uma representação coletiva, mas como um processo histórico, uma (re)construção que se dá no constante movimento da vida social e que resulta, portanto, de tensões e disputas de interpretações. Não se trata, contudo de ver a memória social como evolução no tempo nem como um processo de perda de referências. Pelo contrário, a reatualização da memória pressupõe um movimento constante de (re)construção do passado que envolve esquecimentos, ressignificações e disputas que também apontam para uma memória imaginária do futuro. O que se pretende neste tipo de investigação é entrever de que forma esses processos são mobilizados para que determinados sentidos se tornem hegemônicos e de que forma sua historicidade se inscreve na materialidade textual. Para que se possa melhor compreender sua presentificação e historicização, serão examinadas as noções de interdiscurso e memória discursiva no âmbito do discurso da imprensa, mais especificamente em enunciados sobre a mulher

¹ Este trabalho apresenta reflexões de uma pesquisa em andamento que recebeu apoio financeiro do CNPq. Para a pesquisa das fontes primárias na Biblioteca Nacional, contribuíram Josiane S. de Alcântara (IC- Faperj) e Hendy H. Maciqueira de Melo (IC- PIBIC).

² PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p.49.

produzidos em diferentes momentos da nossa história. Apesar das tensões, dos confrontos e das alianças que orientam a produção de sentidos, as operações do discurso da imprensa se apagam, produzindo um efeito de transparência a ser desnaturalizado na análise.

O interdiscurso e o trabalho da memória discursiva (FD)

As primeiras formulações de FD são criticadas por Pêcheux³. Muitas vezes se assemelhavam a “uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e por isso voltada à repetição”. O discurso não é independente das redes de memória e dos trajetos sociais em que ocorre, constituindo-se, ao mesmo tempo, em “um efeito dessas filiações e um trabalho... de deslocamento no seu espaço”.

Na mesma perspectiva, Courtine⁴ destaca que o domínio de saber de uma FD, que pressupõe a contradição e a heterogeneidade, funciona como um princípio de aceitabilidade e de exclusão de caráter instável. Não é possível definir seus limites, em função das disputas ideológicas e das transformações da conjuntura histórica. O domínio de saber de uma determinada FD – o interdiscurso - está em permanente reconfiguração, em função dos posicionamentos ideológicos que levam à incorporação de elementos pré-construídos em seu exterior, que podem atuar tanto reiterando os elementos já presentes e organizando a sua repetição quanto provocando a sua transformação ou mesmo seu desaparecimento.

Ainda considerando o papel da memória, Pêcheux⁵ aborda a questão de pré-construído e da memória discursiva definindo-a como “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc)

³ PÊCHEUX, M. *O Discurso – estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002. p. 56.

⁴ COURTINE, Jean-Jacques. *Analyse du discours politique – le discours communiste adresse aux chrétiens*. Langages, n. 62. Junho, 1981; _____ *O chapéu de Clémentis*. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Ma. Cristina L. *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

⁵ PÊCHEUX, Michel. *Papel da memória*. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p.49.

de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. O choque do acontecimento faria sempre atuar um jogo de força na memória: um visa manter uma regularização pré-existente, bem como dos implícitos veiculados, e negociar a integração do acontecimento; o outro, ao contrário, visaria uma desregulação que vem perturbar a rede de implícitos.

Memória e imprensa: um discurso sobre a mulher

Um dos efeitos de sentido do discurso jornalístico, por força, de sua própria institucionalização, é uma aura de objetividade, referencialidade e fala autorizada que lhe conferem eficácia simbólica. Os processos de discursivização do cotidiano nas páginas dos jornais, no entanto, se apagam tanto para o leitor quanto para o sujeito enunciador. Não se deixam perceber os mecanismos de filiação dos sentidos e os re-aloamentos da memória produzidos nas nomeações, explicações e interpretações. Como observa Mariani⁶ (1998, p.105), “as narrativas e os narradores se encontram assujeitados a processos histórico-ideológicos que os ultrapassam”. No caso da imprensa, esses processos podem ser vistos como “um fio que tece e conduz nos jornais o ecoar das repetições parafrásticas, impedindo o deslizar dos significantes e/ou as resistências históricas, misturando passado, presente e futuro”.

Para melhor compreender o funcionamento deste mecanismo discursivo, examino matérias publicadas em periódicos brasileiros em diferentes momentos históricos: no final

⁶ MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Ed. da Unicamp, 1998. p. 97.

do século XIX, na década de 50 e em 2006. Nas indagações ao *corpus*⁷, procura-se verificar, a partir dos lugares construídos para o sujeito-mulher, de que forma se articulam os pré-construídos para que os sentidos se regularizem na memória discursiva. Os enunciados a seguir, articulados em diferentes temporalidades e condições de produção exemplificam algumas das redes de sentidos constituídas no interdiscurso que constrói um saber sobre o feminino e sobre a mulher.

- (1) A organização anatômica da mulher lhe indica qual o papel que lhe traçou o Creador, o de ser mãe! (*A Mãe de família*, no. 8, 1879)
- (2) Se o homem trabalhar fóra de casa (e d'estes é o maior número) os desvelos da esposa devem prevenir-lhe a hora da chegada, tendo-lhe promptas as refeições, a roupa fresca no verão, conchegada no inverno, os sorrisos, as expressões que o indemnisem das fadigas diurnas. O esquecimento d'estes deveres póde trazer innumeras consequencias desagradaveis e funestas para a moralidade e para o bem estar das famílias. (*O Echo das Damas*, 4 jan 1888⁸)
- (3) ... devemos possuir o [direito] de voto, isto é, o da livre escolha daqueles que serão chamados a reger os destinos da sociedade em que vivemos, e que alentamos com a vida e educação de nossos filhos. (*A Família*, 1890)
- (4) A mulher que trabalha não deve levar uma vida de reclusa. Deve ter tempo e possibilidade (...) de se dedicar às distrações que preferir. Mas para isso é preciso que saiba organizar bem o seu dia (...). Trata-se, portanto, de um problema de organização. (*Grande Hotel*, 21 out 1958)
- (5) Uma personalidade formada de um pouco de vaidade, um pouco de coqueteria, um pouco de malícia risonha, um pouco de ternura, um pouco de abnegação. É muito, muito de feminilidade. (*Correio da Manhã*, 30 dez 1959)

⁷ Este trabalho foi desenvolvido no âmbito de um projeto que examina um corpus diacrônico constituído de matérias jornalísticas publicadas pela imprensa brasileira desde 1808. Alguns dos exemplos foram analisados em trabalhos anteriores (cf. FERREIRA, Lucia M. A. Uma memória da normatização da conduta feminina na imprensa. In: FERREIRA, Lucia M. A.; RIBEIRO, Ana Paula G. (orgs) *Memória e produção de sentidos na mídia*. Rio de Janeiro: Mauad (no prelo) e TADDEI, Ângela; TURACK, Cynthia; FERREIRA, Lucia M. A. *Imagens da mulher na literatura e na imprensa no Brasil oitocentista* (inédito).

⁸ Na medida do possível, foi mantida a grafia com que os textos foram publicados. É provável, no entanto, que haja inconsistências já que algumas foram copiadas à mão do acervo da Biblioteca Nacional.

- (6) Parece exagerado, mas vou deixar duas obras para o mundo: os meus filhos, que serão cidadãos de bem, e os sistemas que eu construí. Sem esses grandes significados, o que eu faço perde a graça. (*Você S/A*, ago 2006)

O espaço discursivo da imprensa feminina do final do século XIX (enunciados 1-3), em sua heterogeneidade, construía discursos atravessados pelas teses de modernização do país e da necessária reconfiguração dos papéis sociais femininos nessas transformações. Na confluência de diferentes formações discursivas – higienista de orientação biológico-determinista, positivista, religiosa, liberal e republicana, dentre outras – historicizam-se na materialidade discursiva os pré-construídos que tecem o fio narrativo que marca no imaginário os lugares atribuídos a mulher: não apenas o de mulher-esposa-mãe burguesa, responsável pela higiene e moralização do lar e pela regeneração dos costumes, condições necessárias para o desenvolvimento do país, mas também o da mulher que, de viva voz, anunciava a decisão de transpor a fronteira entre o espaço privado e o espaço público e atuar no destino da sociedade pelo voto.

Os pré-construídos mobilizados pela memória discursiva no enunciado da revista *Grande Hotel* (4) configuram-se de maneira diferente. O circuito capitalista de produção e consumo do pós-guerra constrói outros lugares sociais para a mulher. Embora continue a exercer os papéis que lhe são atribuídos na esfera do privado, amplia sua atuação no espaço público do trabalho e do lazer (daí precisar organizar-se). Grande parte das revistas dirigidas ao público feminino na década de 50, embaladas pelo desenvolvimentismo da época, buscam seus referentes nos produtos da indústria cultural americana, principalmente no cinema. Para que possa efetivamente cumprir todas as expectativas da agenda que lhe é imposta pela ordem social, a mulher “necessita” ter sua conduta orientada e normatizada (a matéria apresenta horários rígidos para o cumprimento das tarefas domésticas, que não

devem ser negligenciadas), processo que se vincula a uma memória já institucionalizada. No enunciado seguinte (5), um recorte de matéria publicada na coluna feminina de um periódico da grande imprensa, escrita por Clarice Lispector⁹ é proposto um jogo de sedução feminina que tem como meta inquestionável a conquista do homem. Desenha-se uma imagem ambígua, vinculada a uma rede de sentidos pré-construídos sobre a mulher e sobre a sua mítica trajetória de conquistadora e detentora de poderes mágicos de sedução. A interpretação produzida no texto circunscreve o universo feminino à conquista e ao jogo de ocultações, pelos disfarces necessários à conquista de um marido. Afinal, conforme as configurações das relações de poder vigentes, o caminho para a realização feminina passa necessariamente pelo casamento e pela constituição da família.

A revista *Você S/A*, onde é encontrado o enunciado (6) fala principalmente aos executivos. O espaço publicitário, ocupado principalmente por anúncios de bancos, empresas de tecnologia e programas de qualificação profissional, mobiliza pré-construídos da FD do mundo corporativo contemporâneo. O enunciado, em primeira pessoa, confere ao discurso efeito de referencialidade e veracidade. O sujeito feminino que enuncia constrói lugares desloca sentidos previamente construídos, mobilizando outros não observados nos enunciados anteriores. Do imaginário, mobilizam-se sentidos que reconfiguram no interdiscurso o universo feminino, que, embora tenha deslocado suas fronteiras, principalmente no que diz respeito à carreira profissional (fala-se da e à mulher que valoriza a carreira e não da mulher que trabalha fora, como na década de 50), permanece inextricavelmente associado à família e à maternidade. Integrada ao sistema produtivo, sua (inverossímil) agenda diária revelada nas relações intradiscursivas nas seqüências que

⁹ Clarice usava o pseudônimo de Helen Palmer (cf. NUNES, Aparecida (org). *Clarice Lispector - Correio feminino*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006).

compõem a reportagem, indica que procura a realização tanto na esfera privada, junto à família, quanto na esfera pública, no mundo do trabalho, da produção, tornando-se profissional competitiva e consumidora de produtos e serviços valorizados pelo mercado.

Considerações finais

A palavra escrita, em decorrência de sua permanência, constitui-se em lócus privilegiado para a inscrição daquilo que merece ser lembrado. Os enunciados acima, construídos na confluência de diferentes formações discursivas, estão vinculados a redes histórico-discursivas bastante distintas entre si em muitos aspectos, dentre eles o temporal. Não se pretendeu, no entanto, ver a memória social como evolução no tempo, nem como um processo de perdas ou de ganho de novas referências. O que se objetivou foi perceber e como as regularidades, os deslocamentos e as descontinuidades na construção da memória social do feminino ecoam no acontecimento do discurso da imprensa, atravessado pelo ideológico, pelo histórico e pelo imaginário.